

Isabel Pereira Leite

(Direção de Serviços de Documentação e de Sistemas de Informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Leite, Isabel Pereira, "Sobre Homens e Livros", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 12 (2011). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

Ah! Se os livros falassem...!

Mas quem é que diz que não falam?

Falam sim! Constantemente!

Não se calam e, se passarmos por eles sem pelo menos lhes lançarmos um olhar, ficam encolhidos, como se mingassem nas prateleiras; amuam, não por capricho, mas por se sentirem ignorados, injustamente ignorados por aqueles que lhes viram as costas.

Olhos nos olhos, assim nos olhamos uns aos outros. Por que não olhar do mesmo modo os livros, pelo menos as suas lombadas nas estantes, as suas capas quando pousados numa qualquer mesa?

Os infinitos livros são as infinitas vozes do mundo. Alteridades desdobradas em constantes contradições ou complementaridades oferecem-nos, simultaneamente, o âmago de quem os escreveu e todos os "eus" que os povoam da primeira à última folha.

Cada livro transporta consigo um pedaço do mundo, um pedaço do ser que nele escreveu a palavra "Fim" e daquele que a leu depois.

Em cada livro estão retalhos da alma que a cada dia empresta a sua cor; a cor que faz os dias luminosos, resplandecentes, felizes, ou cinzentos, angustiados, carregados de desalento.

Os livros têm alma, sim! Como nós!

É impossível dissociá-los de um nome, mesmo que neles apareça escondido. É impossível imaginar que a marca humana não tenha estado na sua origem.

Esteve sim! E houve, seguramente, um propósito no pensamento de quem o escreveu.

Se é certo que ninguém escreve para o esquecimento, o que de nós se espera, no mínimo, é um olhar atento, apenas um olhar de reconhecimento. O mesmo olhar olhos nos olhos que nos faz reconhecer o mundo à nossa volta. O mundo dos outros, o nosso mundo.

A(s) vida(s) ficcionadas, que não deixam de ser forjadas na realidade, misturam-se com as nossas, tal como as nossas, definitivamente, se "apoderam" delas, as decompõem em páginas de emocionada beleza, em parágrafos de incontida tristeza.

Um livro é um ser vivo, pleno de seiva, com existência própria. Tanto ri, como chora; conversa; interpela-nos; reaviva-nos a memória; cola-se à nossa imaginação; desperta-nos os sentidos; tanto exige como pede mansamente que dele não desviemos a atenção.

Um livro é um pedaço da História comum, uma peça do Mundo construído. É testemunha de que há um fio condutor que liga as gerações que vivem de contadores de histórias: todos nós, desde tempos imemoriais, temos vindo a ser depositários desses testemunhos que constituem o incomensuravelmente valioso Património da Humanidade.

O que se passou na manhã do dia 10 de Dezembro de 2009, no piso -4 da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi uma *performance* única, marcante, inesquecível.

Logo no início, numa recriação da mítica Torre de Babel, ficou-nos a ideia narrada no Génesis, a propósito da multiplicidade de vozes e de linguagens que fomos ouvindo em crescendo, que não é difícil perceber como a confusão se pode gerar a partir das palavras. Simplesmente a partir das palavras...

Mas eis que se vão calando as vozes, para que apenas uma sobressaia. Escuta-se um poema; depois o excerto de um texto; de novo um poema...

Folhas são arrancadas de livros!!! Meu Deus, que mutilação é esta!!!

De repente chovem tiras de papel que caem, levemente, no chão. Vamos percebendo, entretanto, que são pedaços dessas folhas arrancadas.

Pedaços que são recolhidos e colados nas folhas brancas de um grande livro de capa preta, no qual nada está escrito.

Ao lado, os livros mutilados começam a transformar-se. Em quê? E por quê?

Passam, agora, a chamar-se Livros-plantas, Livros da Vida.

A mão de um jardineiro fez, de cada um, um vaso que encheu de terra e no qual plantou um bolbo que, regado de três em três dias, dará origem a uma flor branca, branca como a cor da paz possível que em cada dia pedimos, branca como a luz da vida que sempre se renova.

Os novos livros, com direito a registo no catálogo da Biblioteca e a uma cota própria, porque são únicos e inimitáveis e porque o seu lugar não é o de mais nenhum, mostram-se, agora, numa outra dimensão, como qualquer ser vivo que se reinventa e continua a viver.

É! É assim mesmo!

A estes livros foram arrancadas folhas que foram cortadas em tiras e lançadas aos quatro ventos.

Como a todos nós acontece: sofremos a agressão impiedosa; rasga-se-nos o coração; fica-nos a alma em carne viva; sentimo-nos retalhados, repartidos por lado nenhum; doentes; abandonados à nossa sorte!

Sorte? Mas que sorte é essa?

Será nossa, apenas? Ou será nossa por ser, também, a sorte dos outros?

O Destino não nos fez sós no mundo. Precisamos dos outros. Dos outros que recolhem pedaços de nós e se encarregam, connosco, de nos fazer reviver.

Como aconteceu com estes livros.

Impregnados de uma nova semente de vida, vestiram-se de novas roupagens; deles brotarão flores de luz, regadas por jardineiros-leitores que aprenderão a ler de novas maneiras.

Que extraordinária capacidade essa, a que todo o ser humano possui de se reconstruir, de se reinventar para continuar a viver. E que crucial importância têm os outros nesse processo. Aproximando-se, oferecem-nos da sua seiva, o bastante para que voltemos a sentir-nos vivos em plenitude. Diferentes, mas nem por isso menos vivos.

E essas tiras de papel, feitas de folhas rasgadas? E esses pedaços de nós que nos foram arrancados?

São o que constitui o Livro do Conhecimento, o Livro do Grande Tudo, que não tem princípio nem fim, já que ninguém, ao certo, os conhecerá.

O Livro do Conhecimento é a herança universal que atravessou eras, séculos, gerações de pensamentos e emoções. É o legado de todos nós para todos nós.

A vida aniquilada, mas sempre renascida pelo poder de um gesto, de um olhar, pelo poder da Palavra, do Credo de cada ser humano, pelo poder do Amor que deverá unir os homens.

Pelo amor que também dedicamos aos Livros.

Porto

31/12/2009